



**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
CENTRO DE FILOSOFIA, LETRAS E EDUCAÇÃO – CENFLE
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ALICE SILVA DA COSTA

**MULHER-OBJETO X MULHER-SUJEITO: A BUSCA PELA
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NUMA PERSPECTIVA DAS
PERSONAGENS CONCEIÇÃO E MACABÉA**

SOBRAL – CE

2018

ALICE SILVA DA COSTA

**MULHER-OBJETO X MULHER-SUJEITO: A BUSCA PELA
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NUMA PERSPECTIVA DAS
PERSONAGENS CONCEIÇÃO E MACABÉA**

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Me. Francisca Liciany Rodrigues de Sousa.

SOBRAL – CEARÁ

2018

**MULHER-OBJETO X MULHER-SUJEITO: A BUSCA PELA
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NUMA PERSPECTIVA DAS
PERSONAGENS CONCEIÇÃO E MACABÉA**

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Alice Silva da Costa

Trabalho aprovado com nota/conceito: _____

Em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Me. Francisca Liciany Rodrigues de Sousa (UEVA) –
Orientadora

Prof. Espec. Francisco Vicente de Paula Júnior (UEVA) – 1º Leitor

Prof. Me. Valdemar Ferreira de Carvalho Neto Terceiro (UEVA) – 2º
Leitor

Prof. Dr. Martón Tamás Gemés – Coordenador do Curso de Letras
(UEVA)

Dedico este trabalho, primeiramente, ao nosso criador, pois sem ele não estaríamos aqui. Segundo as mulheres que cruzaram e permanecem em minha vida (mãe, avós, tias, primas, amigas, professoras, e anônimas) por terem influenciado, diretamente ou não, na minha construção como ser-mulher, assim como aos homens (pai, irmãos, tios, avôs, professores, colegas de trabalho, e namorado) que intensificam essa formação muitas vezes com comentários e comportamentos capazes de provocar reflexões sobre o que (não) é ser mulher.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso criador, por nos ter dado o sopro de vida e a capacidade de buscar aperfeiçoar o conhecimento e a tentativa de compreensão do mundo e de toda a sua complexidade.

À minha família por estar sempre me acompanhando nessa trajetória, ainda que nem sempre aceite minhas decisões e opiniões.

Aos meus professores e professoras, desde os que me ensinaram a decodificar as letras, até os que me mostraram a importância do saber identificar o que está para além delas.

Aos poucos amigos que se fazem dignos de confiança, respeito e admiração.

À orientadora Liciany, por ter me aceitado e auxiliado nesse desafio e enriquecido minha experiência e estudo nesse assunto com o qual simpatizo. E pela admiração e inspiração como mulher, profissional, mãe, filha e escritora que me provoca.

Aos componentes da banca, por terem aceitado avaliar minha pesquisa...

Ao meu namorado Artur, melhor amigo, companheiro das horas de tristeza, ansiedade, e das de alegrias e conquistas, por me apoiar, compreender, ouvir e ser um dos maiores responsáveis pela minha constante autodescoberta como mulher, profissional, amiga, namorada, filha, e escritora (amadora).

Por fim, aos ambientes repletos de estantes de livros, banquinhos de praças, cantinho florido da Letras, fins de tarde, madrugadas silenciosas... lugares onde me sinto bem e proporcionam inspiração para meus estudos e minha escrita.

Muito obrigada a todos!

“Em 1928, as mulheres eram vistas como adornos, que eram levados as festas para serem exibidos. Objetos sem poder de opinião ou decisão. A vida não era fácil para ninguém, mas para as mulheres muito menos ainda. Para a sociedade éramos apenas filhas, esposas e mães. No fundo todas nós, ricas e pobres queríamos o mesmo: ser livres.” (Ramón Campos, **Las Chicas del Cable** - As Telefonistas. 2017)

MULHER-OBJETO X MULHER-SUJEITO: A BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NUMA PERSPECTIVA DAS PERSONAGENS CONCEIÇÃO E MACABÉA

COSTA, Alice Silva da,¹

SOUSA, Francisca Liciany Rodrigues de.²

Resumo: Este trabalho faz um recorte na literatura de autoria feminina, tendo como objetivo analisar duas personagens de duas escritoras mulheres. Vimos de um lado o silêncio, a obediência e a ignorância de Macabéa, em **A Hora da Estrela**, de Clarice Lispector, e do outro o ativismo, e protagonismo de Conceição, na obra **O Quinze**, de Rachel de Queiroz. A pesquisa é de caráter bibliográfico e contou com a uma breve exposição do caminho percorrido pela mulher na literatura e na sociedade, o que possibilitou a criação de uma contextualização do espaço no qual as autoras estão inseridas, seguido de uma análise do perfil das personagens estudadas, com suas características físicas, personalidades, ambições, ideologias, e trajetórias de vida. Como suporte teórico, tivemos: Beauvoir (1967), com suas ponderações sobre o que é ser mulher, Del Priore (2010) trazendo uma contextualização mais histórica sobre as mulheres e os livros, Showalter (1986), crítica que propõe a divisão do percurso da escrita feminina em três fases, e Virginia Woolf (2014), com sua discussão sobre mulher e ficção. Percebemos que as personagens, apesar de serem ambas nordestinas órfãs e criadas por parentas beatas, se constroem de maneira dicotômica, isto é, enquanto uma é descrita como uma moça romântica (virgem, ingênua, passiva, alienada) a outra se mostra como uma mulher realista/moderna (ativa, dona de suas opiniões e ideais), no entanto, há algo que as une e este algo é uma busca identitária dessas personalidades que rompem com os padrões de suas épocas ao agir de forma diferente da que as sociedades contemporâneas das mesmas esperavam, ou seja, transgredindo as regras comportamentais vigentes, uma vez que a contemporânea Macabéa é vista como a passiva, ao passo que a regionalista dos anos 30, Conceição é mostrada com a ativa, estando a frente de seu tempo, lutando por sua liberdade.

Palavras - chave: Literatura. Perfis femininos. Identidade. **O Quinze**. **A Hora da Estrela**

1 INTRODUÇÃO

O estudo de obras de autoria feminina, principalmente das que abordem, mesmo que involuntariamente, a questão da condição feminina na sociedade e na literatura, é uma linha de pesquisa com a qual alguns pesquisadores simpatizam.

Por muito tempo só tivemos praticamente a visão masculina das coisas. Na literatura isso não ocorre de maneira diferente. Ainda que a literatura de autoria

¹ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: alice_silva_1995@hotmail.com

² Professora orientadora. E-mail: licianyrodriques@gmail.com

feminina, no Brasil, tenha crescido e ganhado seu espaço, embora seja um fenômeno recente, é preciso levar em conta que a formação literária de gerações escolarizadas consecutivas, no Ensino Fundamental, Médio e Superior, tem por base obras de autoria masculina, as aclamadas obras canônicas, em cujas listagens figuram raras mulheres. Lembremos então da importância dessa questão ser discutida, ainda que cause incômodo.

Assim sendo, este tema torna-se relevante por nos proporcionar uma viagem aos séculos passados e ao contexto sociocultural, que tanto afetou a figura feminina ao longo dos tempos e que, até o século XIX, privilegiou, majoritariamente, figuras masculinas como representantes significativas em nossa formação literária.

Iremos expor brevemente o percurso literário feminino na perspectiva de Showalter (1986), exemplificando cada fase com representantes brasileiras, a fim de fazer uma breve exposição do caminho percorrido pela mulher na literatura e na sociedade, o que possibilita a criação de uma contextualização do espaço no qual as autoras estão inseridas, chegando então ao objetivo que é analisar o perfil das personagens (características físicas, personalidades, ambições, ideologias, trajetória de vida) e o diferente comportamento dessas jovens nordestinas, órfãs, no ambiente citadino ao qual os destinos das mesmas as levaram; além de observar os contextos históricos e literários em que as obras foram escritas, e tentar descobrir até que ponto eles influenciam na construção das personagens e do estilo da escrita.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se uma série de suportes bibliográficos de autores que estudam a condição feminina na Literatura, tanto a personagem (criatura = ser criado), quanto a escritora (criadora= autora), como livros publicados, antologias compostas por artigos, ensaios, e/ou comentários e observações sobre palestras e rodas de conversa a respeito do assunto. Além dos livros das autoras estudadas, mais especificamente os que apresentam as personagens Macabéa e Conceição, *A Hora da Estrela* (1998), de Clarice Lispector e *O Quinze* (2015) de Rachel de Queiroz, respectivamente. Beauvoir (1967), com suas ponderações sobre o que é ser mulher, Del Priore (2010) trazendo uma contextualização mais histórica sobre as mulheres e os livros, Showalter (1986), crítica que propõe a divisão do percurso da escrita feminina em três fases, e Virginia Woolf (2014), com sua discussão sobre mulher e ficção.

O trabalho contará com quatro tópicos a serem desenvolvidos. O primeiro traz uma pequena trajetória da mulher ao longo dos séculos, seguida de uma divisão da escritura feminina em fases. Trata-se de uma proposta feita pela pesquisadora inglesa Elaine Showalter (1986), adaptada pela brasileira Elódia Xavier (2012), que vai trazer exemplos de autoras brasileiras que se encaixam em cada momento e que buscavam a construção da identidade autônoma da mulher, registrando a maneira como ela foi/é representada dentro da literatura brasileira; o segundo tratará do tipo de mulher silenciosa, passiva, e ignorante representado pela personagem Macabéa da obra **A Hora da Estrela**; o terceiro apresentará o tipo oposto, isto é, falaremos sobre a escolha de ser “dona do seu próprio destino”, de Conceição, da obra **O Quinze**, mulher independente, que se auto intitula solteirona, rompendo com os padrões que ditam qual deve ser o papel da mulher na sociedade e como esta deve se comportar. O último, mas não menos significativo, confrontará as semelhanças e diferenças dessas duas personagens, que, apesar de serem ambas nordestinas, órfãs, e criadas por parentas beatas, se constroem de maneira dicotômica, entretanto há algo em comum nessas personalidades: o rompimento com os padrões de suas épocas condicionados a busca identitária.

Destacamos que o estudo dessas duas personagens criadas por duas autoras, que, cada uma a seu modo, conquistaram renome dentro da Literatura Brasileira, é importante para quem tem interesse pela representação da mulher na literatura, principalmente, da mulher nordestina, seja ela a autora (a criadora), seja a personagem (a criatura).

Por fim, pretende-se deixar uma colaboração para a crítica literária sobre esse assunto, destacando-se a relevância do estudo de obras de autoria feminina, principalmente das que abordem, mesmo que involuntariamente, a questão da condição feminina na sociedade e na literatura.

1 UMA LITERATURA TODA DELAS

Vocês tem noção de quantos livros sobre mulheres são escritos no decorrer de um ano? Vocês tem noção de quantos são escritos por homens? Têm ciência de que vocês são talvez o animal mais debatido do universo?

Virginia Wolf

Na introdução do livro *Um teto todo seu*, a autora comenta sobre o seu ponto de vista em relação à ideia de que “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (WOLF, 2014, p.11). Mas antes de iniciar essa discussão a respeito da importância do ambiente e da independência financeira feminina, Virginia (2014) acredita que é necessário delimitar, ou não, se o viés abordado será “as mulheres e a ficção que elas escrevem, ou [...] as mulheres e a ficção que é escrita sobre elas” (WOLF, 2014, p.11).

Esta pesquisa buscará mesclar essas perspectivas apresentadas, e sua inevitável relação, sob a perspectiva das obras de estreia e de despedida de duas autoras mulheres, que escreveram a história de outras duas mulheres. Isto é, veremos como a mulher ver e descreve a si própria.

Sabe-se que os estudos sobre a mulher têm sido feitos há anos, em diferentes aspectos. Dentre eles, “suas formas de trabalho, seu status social ou jurídico, nas relações com seu corpo ou com a maternidade, seu papel econômico e cultural ao longo da história.”, destaca Mary Del Priore (2010, p.125). A discussão sobre a condição feminina serve, para alguns, como modo de considerá-las apenas um objeto de pesquisa como qualquer outro. Por outro lado, serve também de suporte para movimentos político-militantes que se engajam e devem se preocupar com o reconhecimento da mulher como sujeito único e dona de seus direitos, fugir do embate antagônico dos sexos (homem x mulher) e se atentar em questionar e interrogar sobre como viver e trabalhar preservando a nossa identidade e autonomia, já que:

nos domínios do público ou do privado, em todos os recônditos de sua existência material ou espiritual, livros e suas leitoras, escritoras e seus livros, deram-se as mãos na ciranda da história. As letras, os livros e todas as carreiras e trajetórias que daí decorrem foram, todavia, árduas para as mulheres brasileiras. (DEL PRIORE, 2010, p133)

A autora ressalta ainda que “desde o ‘achamento’ do Brasil, a mulher trabalha e luta pela sua sobrevivência e dos seus” (DEL PRIORE, 2010, p133) e teve que quebrar os estereótipos com as quais era normalmente analisada, uma vez que ou as descreviam como “acomodadas” (DEL PRIORE, 2010, p133), no caso das

mulheres brancas da elite, ou “subordinadas sexuais”, (DEL PRIORE, 2010, p133) no caso das negras, mulatas e pobres.

Essas nossas antepassadas só entraram em contato com o texto, literário ou político, e tiveram a chance de “fazer uso de suas plumas e canetas, um modo de ganhar a vida” (DEL PRIORE, 2010, p133), no momento em que se tornam as primeiras mestras de letras.

Depois da Independência do Brasil, [...], pois é nesse momento que surgem as escolas normais para a formação de docentes. Já em meados do império, a feminização do magistério era um fato. Surtos de urbanização e a industrialização, no sudeste do país, tinham ampliado de tal forma as oportunidades de trabalho para os homens bem como a imigração trouxera ao país o crescimento de setores médios ávidos por uma melhor escolarização, que a escola virou um espaço quase que exclusivo da mulher. (DEL PRIORE, 2010, p.143)

Contudo, sabe-se que, se propaga a presença da mulher, na Literatura Brasileira, só a partir das primeiras décadas do século XX, o falar feminino, nos séculos anteriores, ainda permanece silenciado. Tentando modificar tal concepção, temos realizado pesquisas sobre a presença da mulher na história e na Literatura Brasileira desde o Período Colonial até o presente momento, com amplas discussões acadêmicas sobre gênero e memória.

Graças ao caminho aberto por elas, muitas mulheres hoje podem escrever seus versos, seus sonhos e seus livros, como outras já escreviam, só que agora mais abertamente. Hoje, atualizando os cadernos goiabada, nome carinhoso dado por Lígia Fagundes Telles aos cadernos em que as mulheres “escreviam pensamentos e estados d’alma, verdadeiros diários de juventude, até jornais, panfletos, romances e polêmicas” (DEL PRIORE, 2010, p.177), podemos compará-los, de certa forma, aos nossos perfis em redes sociais, no qual compartilhamos sobre nossa identidade (inventada ou sincera), nossos hábitos, lugares aonde vamos e/ou estivemos, pensamentos com os quais concordamos ou não, mas respeitamos. Enfim, apesar de ser público, e de fácil acesso pelas pessoas ao redor, diferente dos diários que eram escondidos a sete chaves, esse é um lugar no qual podemos nos expressar de forma escrita ou apenas visual.

Para melhor compreensão e para nos situarmos no contexto histórico-literário, a literatura brasileira de autoria feminina será apresentada dividida por fases. Trata-se de uma proposta feita por Elaine Showalter, em seu livro “A literature of their own” (Tradução: Uma literatura toda delas), onde ela, como uma das fundadoras da crítica feminista contemporânea, aponta três fases do “percurso literário que compreende as obras de autoria feminina entre 1840 até por volta de 1960, tendo a cultura masculina dominante como referencial”. A brasileira Elódia Xavier(2012), usa essa teoria como base em alguns artigos, trazendo autoras brasileiras que se encaixam em cada um desses momentos, vejamos brevemente cada um, então.

A primeira fase da tradição literária de autoria feminina é designada Fase Feminina (*Feminine*) ou imitativa. As primeiras produções, em meados do século XIX e início do século XX, refletem a realidade social e os papéis estabelecidos às mulheres através de uma imitação e da internalização dos valores e padrões vigentes.

Logo, são obras que representam mulheres submissas ao poder patriarcal de pais e maridos, que encontram sua realização no casamento e na maternidade, numa conduta que condiz com as regras impostas pela sociedade machista da época.

Um exemplo desse período é o romance **Úrsula** (1859), da maranhense Maria Firmina dos Reis, o qual acredita-se ser a primeira narrativa de autoria feminina brasileira, que ao apresentar um

estilo gótico-sentimental, perfeitamente enquadrado nos padrões românticos, o romance reduplica os valores patriarcais, construindo um universo onde a donzela frágil e desvalida é disputada pelo bom mocinho e pelo vilão da história. Contrariando os finais felizes, a narrativa termina com a morte da protagonista, vítima da sanha do cruel perseguidor. (XAVIER, 2012)

Vejamos um trecho da obra que retrata essa fragilidade (re) velada da mulher ao metaforizar a relação homem/mulher e sol/flor:

Era apenas o alvorecer do dia, ainda as aves entoavam seus meigos cantos de arrebatadora melodia, ainda a viração era tênue e mansa, ainda a flor desabrochada apenas não sentira a tépida e vivificadora ação do astro do

dia, que sempre aman-te, mas sempre ingrato, desdenhoso, e cruel afaga-a, bebe lhe o perfume, e depois deixa-a murcha e desfolhar-se, sem ao menos dar-lhe uma lágrima de saudade! ... **Oh! o sol é como o homem maligne perverso, que bafeja com hálito impuro a donzela desvalida, e foge, e deixa-a entregue à vergonha, a desesperação, à morte! -e depois, ri-se e busca outra, e mais outra vítima! A donzela e a flor choram em silêncio, e o seu choro ninguém o compreendeu.** (REIS, 2009, p.20, grifo nosso)

Outra figura representante desse período é Júlia Lopes de Almeida, que:

Pertencente à alta burguesia, enquanto Maria Firmina dos Reis é uma simples professora do interior, Júlia Lopes constrói sua obra sobre os alicerces patriarcais, sedimentada por rígidas relações de gênero. As rainhas do lar coroam os finais felizes deste universo ficcional. (XAVIER, 2012)

O segundo momento, denominado Fase Feminista (*Feminist*) ou rebelde (período de 1944 a 1990), é caracterizado por um protesto contra os valores e padrões vigentes na sociedade e por uma luta pelos direitos das minorias como o voto e a autonomia no modo de se vestir, por exemplo.

A obra de Clarice Lispector rompe com a replicação desses valores pondo em questão as relações de gênero. Elódia Xavier (2012) afirma que “os contos de *Laços de família* (1960), – o próprio título é muito significativo -, tornam visível a repressão sofrida pelas mulheres nas cotidianas práticas sociais”. Eis o trecho de um deles:

Estava a se pentear vagorosamente diante da penteadeira [...] Ela ouvia curiosa e entediada o estremecimento do guarda-loja na sala das visitas. D’impaciência, virou-se-lhe o corpo de braços, e enquanto estava a esticar com amor os dedos dos pés pequeninos, aguardava seu próximo pensamento com os olhos abertos. Dormiu [...] Acordou com o dia atrasado, as batatas por descascar, os miúdos que voltariam à tarde das tias, ai que até me faltei ao respeito!, dia de lavar roupa e cerzir as peúgas, ai que vagabunda que me saístes!, censurou-se curiosa e satisfeita, ir às compras, não esquecer o peixe, o dia atrasado, a manhã pressurosa de sol. Mas no sábado à noite foram à tasca da Praça Tiradentes a atenderem ao convite do negociante tão próspero, ela com vestidito novo que se não era cheio d’enfeites era de bom pano superior, desses que lhe iam a durar pela vida afora. No sábado à noite, embriagada na Praça Tiradentes, embriagada mas com o marido ao lado a garanti-la, e ela cerimoniosa diante do outro homem tão mais fino e rico, procurando dar-lhe palestras, pois que ela não era nenhuma parola d’aldeia e já vivera em Capital.No sábado à noite a alma

diária perdida, e que bom perdê-la, e como lembrança dos outros dias apenas as mãos pequenas tão maltratadas. (LISPECTOR, 2013, p.6-7)

Percebemos nesse conto, chamado **Devaneio e embriaguez duma rapariga**, em meio às práticas cotidianas, uma mulher que se sente obrigada a realizá-las, censurando-se por não poder descansar um pouco mais, visto que precisa realizar suas funções domésticas (cozinhar, cuidar dos filhos, fazer compras, lavar roupa, acompanhar o marido em eventos sociais) mesmo estando entediada e cansada.

É nesse período que eclode, na Europa, o movimento feminista, contexto de grande importância para a intensificação da militância feminina. Dentre outras ocorrências, a discussão do livro **O Segundo Sexo** (1949), da escritora francesa Simone de Beauvoir, o que permitiu às mulheres a libertação do conservadorismo referente aos comportamentos sexuais, ao destino da mulher e a própria concepção do que é ser mulher, sobre isso a autora escreve a famigerada frase: “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (Beauvoir, 1967, p.9).

Segundo Beauvoir (1967), não é o órgão genital, o pensamento, nem a condição financeira que nos tornará mulher. A cultura tem papel fundamental na classificação do ser feminino, a começar pelos ornamentos femininos, as cores dos objetos que são impostos as mães e bebês desde o nascimento para que se possa diferenciar do ser masculino.

Há ainda uma terceira fase, a partir da década de 1990, que é chamada de Fase Fêmea (Female) ou de autodescoberta. Caracteriza-se pela busca de uma identidade própria, de uma escrita e de uma representação mais autêntica e livre. São desse período os romances de Adélia Prado, Lya Luft (os produzidos depois de 1990) e também de autoras como: Patrícia Melo, Adriana Falcão e Alice Ruiz.

A título de exemplo, temos a releitura que Alice Ruiz(1984) faz do poema “E agora, José?”, de Carlos Drummond de Andrade: **Drumundana**. “e agora maria?/o amor acabou /a filha casou/o filho mudou/teu homem foi pra vida/que tudo cria /a fantasia /que você sonhou/apagou /à luz do dia//e agora maria?/vai com as outras/vai viver/com a **hipocondria**.”

A autora muda o sexo da personagem do poema, e mostra uma Maria em posição existencial não muito confortável, sozinha, tendo que enfrentar as circunstâncias da vida mundana sem o apoio de ninguém, pois sua família foi desmembrada, já que cada um seguiu seu caminho e para ela, restou a hipocondria que é uma “patologia mental causadora de excesso de pensamentos acerca de seu próprio estado de saúde, embora não haja razão genuína para isso”, no sentido figurado “que está tristonha ou melancólica, tristeza” (Fonte dos significados de hipocondria: Aplicativo Dicio).

Neste outro exemplo, o eu-lírico (que pode ser identificado com a própria voz da autora, Adélia Prado) assume-se mulher-poeta sem deixar de lado as contradições do universo feminino, além de abrir caminho para que outras possam vir a se inspirar em tal pensamento ao afirmar que “Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos”, reafirmando seu papel de mulher escritora e de mãe, este último confirma o pensamento defensor do destino da maioria das mulheres.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou. (PRADO, 2015.p.88)

Já ao dizer que “Aceito os subterfúgios que me cabem”, ela admite as dificuldades de ser poeta do sexo feminino, no entanto, mostra-se consciente da condição cuja mulher foi submetida ao longo dos anos, alega que ser mulher se trata

de uma tarefa desdobrável e se define como consciente de estar seguindo sua sina: casar, parir os filhos, cuidar da casa mais também escrever o que sente.

Deste modo, (re) conhecer esses nomes os caminhos trilhados por elas, que por si só representam muito para a história da literatura no Brasil como diz Mary Del Priore (2014, p.5), “vale a pena, [...] pois para que o século XXI seja delas, de todas elas, é preciso compreender os passos dados, corrigir rotas, sair de si próprio e pensar no coletivo.” Vamos às personagens.

2 CONCEIÇÕES E SUAS REFLEXÕES A RESPEITO DA QUESTÃO FEMININA, DA SITUAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE, E DOS DIREITOS MATERNAIS

Era necessário deixar um pouco de lado os alfinetes e os bordados que impregnavam a vida feminina e tentar tecer outros vendados históricos de busca de novos ideais

Elizabeth Siqueira

O livro O Quinze não é apenas mais um da série de romances regionalistas que abordam a temática da seca e as dificuldades dos nordestinos seguirem em frente diante desse período sofrido. Ele trará como destaque uma figura perceberá uma inevitável fusão entre personagem e autora causando forte efeito na receptividade da obra. Como confirmação teórica a respeito disso, Acioli (2010) comenta:

Por ser a filha mais velha, **sentia-se solitária**. Seus amigos de infância eram os **livros** [...] completou o Curso Normal do Colégio Imaculada **Conceição**, de freiras francesas. Depois de terminar os estudos, ficou um período na fazenda, em **Quixadá**, lendo muito. [...] O diretor do jornal convidou Rachel para trabalhar com ele. O *Ceará* era um jornal anticlerical, perfeito para as ideias de Rachel, que **mesmo com todos os esforços de suas avós, nunca conseguiu ser uma católica fervorosa**. (ACIOLI, 2010, p.234-235, grifo nosso)

A influência da experiência como jornalista e o ambiente familiar foram o alicerce para sua formação leitora, uma vez que a curiosidade e desejo de ler foram estimulados desde cedo tanto pela figura do pai, quanto pela da mãe. Esses aspectos tornam-se determinantes para o seu estilo de escrita. É, por exemplo, no desenvolvimento do hábito leitor, inclusive de “escritores russos, como Dostoievski,

Gorki, Tostoi, de forma que temas como revolução russa, marxismo, socialismo lhe eram muito simpáticos” (ACIOLI, 2010, p.234), na formação educacional, e nas ideias religiosas que vamos associar a personagem analisada em questão com a escritora Rachel.

Segundo Adolfo Casais Monteiro (1993, p.6), é essa figura que dará autenticidade aos mundos retratados nos dois eixos da narrativa (o da migração da família de Chico Bento e o da jovem heroína Conceição), e é por meio de sua experiência, do que a personagem sente, que ricos e pobres confluem, permeando em ambos os lados, sem estabelecer diferença entre “bons pobres” e “maus ricos”.

Antônio Torres (2006, p.5), ao comentar sobre a obra na orelha do livro da saliente que este livro provocou enorme impacto nos anos 30, séc. XX, e tornou-se uma “referência obrigatória na história da nossa literatura” (TORRES, 2006), além de ser um marco da autora que contribuiu para o romance nordestino, “poderoso ciclo das letras nacionais” (TORRES, 2006), que ela escrevera sendo então “uma menina nos seus ainda verdes vinte anos” (TORRES, 2006), e figurando como a “única mulher nessa tropa de choque regional, de repercussão nacional e circulação universal”(TORRES, 2006). Ele ressalta ainda que:

Rachel foi um assombro. Este seu romance de estreia, publicado em Fortaleza em 1930, fez estragos nos espíritos da época. Segundo Graciliano Ramos, “produziu agitação e alguma desconfiança”. Isto por ser O Quinze “livro de mulher, e mulher nova”, num tempo em que as mulheres deviam se limitar aos sonetos. Daí o espanto do velho Graça ao ler O Quinze e ver uma foto de Rachel de Queiroz num jornal. Incrédulo, ele balançou a cabeça; “Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.” (TORRES, 2006)

Percebemos aqui uma descrença da capacidade de escrita romanesca das mulheres, pois elas eram limitadas a escrever apenas sobre sentimentos em seus sonetos, e não sobre uma observação psicológica e social. Sobre o enredo,

Numa prosa simples, viva, e comovente, Rachel de Queiroz tece o seu relato em duas linhas de força: a história de um **amor irrealizado da mocinha que lê romances franceses e sonha com o moço rude** entregue à faina solitária de salvar seu gado; e a dramática marcha a pé de um retirante e sua família, sonhando chegar ao Amazonas (TORRES, 2006, grifo nosso)

Esse comentário destacado parece igualar a história de Conceição às demais sobre mocinhas do sertão que sonham em encontrar um homem bom, casar-se e constituir sua família, entretanto, veremos que quem pensar desta maneira, será surpreendido ao ler a obra.

Nélida Piñon (2015) parece ter um ponto de vista mais aguçado, ao conseguir perceber o desejo de mudança da personagem já que,

Emblemática, a professora Conceição benevolente com o próximo, é arbitrária com Vicente e com o mundo quando lhe faltam forças para corrigi-los. Situada no epicentro do romance, padece de severa noção de justiça e moral. E ressent-se por não poder livrar os sertanejos do analfabetismo, da miséria, do destino trágico a que estão previamente condenados. Naquele grotão nordestino não há como estancar a sangria moral de que são eles vítimas. Assim, resta-lhe o consolo de exigir de Vicente a perfeição onde impera o desassossego humano, e condena-se à solidão, ao ostracismo dos sentimentos. (PIÑON, 2015.p.7)

Em relação a suas leituras, vemos que os assuntos de seu interesse revelam seus ideais que se mesclam entre seus perfis de professora, poeta, socialista, livre para escolher ser o que quisesse, ainda que contrariasse os desejos da avó, responsável por sua criação/formação.

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão.

- Esta menina tem umas ideias!

Estará com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó (QUEIROZ, 2015.p.11-12)

Podemos imaginar que Conceição pensava dessa maneira por influência do que lia, mas não era só isso, como fora criada pela avó, teve uma educação menos rigorosa. Apesar da carinhosamente chamada Mãe Nácia, aparecer na história como

clássica representação da beatice, com suas crenças e valores de sua religiosidade cristã (rezas para chover, ida as missas, veneração ao santos), a moça tinha mais liberdade para se expressar, estudar e até tornara-se professora, por isso estava “acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para o seu uso ideias e preconceitos próprios” (QUEIROZ, 2015, p.12)

Ainda em relação ao que ela gostava de ler, atentemos para a temática:

- Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo...
 - De que trata? Você sabe que eu não entendo francês...
- Conceição, ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais ideias:
- Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais. Dona Inácia juntou as mãos, afita:
 - E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querera ser doutora, dar para escrever livros?
- Novamente o riso da moça soou:
- Qual o que, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar...
 - E só para isso, você vive queimando os olhos, emagrecendo... Lendo essas tolices...
 - Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais...
 - E para que você torceu sua natureza? Por que não se casa?
- Conceição olhou a avó de revés, maliciosa:
- Nunca achei quem valesse a pena...
- Dona Inácia foi saindo da sala, para guardar o manual e o terço
- Moça que pega a escolher muito acaba ficando na peça... (QUEIROZ, 2015.p.135-136).

O desinteresse pelo namoro/casamento é visível nas falas e pensamentos da protagonista. Essa atitude é definida com maior determinação, ao descobrir que um dos poucos homens que surge em sua vida, seu primo Vicente, que, a todo momento, demonstra interesse por meio de galanteios, causa-lhe uma desilusão. Primeiro, por estar se relacionando com outra mulher enquanto tenta lhe conquistar, coisa que as mulheres da época costumavam aceitar, pois, como diz a avó, “é assim mesmo... desde que o mundo é mundo” (QUEIROZ, 2015, p.68), coisa que Conceição achava inadmissível para o momento de mudanças que já estava acontecendo; segundo, por ela, Conceição, o considerar apenas uma paisagem bonita, evidenciando que seu ideal de companheiro seria alguém que não fosse tão diferente dela.

Ele era bom de ouvir e de olhar, como uma bela paisagem, de quem só se exigisse beleza e cor. Mas nas horas de tempestade, de abandono, ou solidão, onde iria buscar o seguro companheiro que entende ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as ideias que vêm vindo, e compreende e retruca às invenções que a mente vagabunda vai criando? Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um "é" distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava. (QUEIROZ, 2015.p.88)

Neste presente recorte, perceberemos como, Conceição, de certo modo, trata Vicente como as mulheres eram tratadas, isto é, ela até admira aquele ser provido de considerável beleza, mas isso não era suficiente, pois queria que fosse capaz de pensar, que lesse todo e qualquer tipo de leitura, alguém capaz de completar seu corpo e sua mente, no entanto essa diferença os torna distante.

No que diz respeito ao amor, ela faz uma crítica aos relacionamentos e reforça que não pretende seguir esses padrões por nunca ter conhecido o amor verdadeiro:

- Ora o amor! Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho a certeza de que nasci para viver só... (QUEIROZ, 2015.p.160)

Por último, mas não menos importante, traremos a sua visão sobre a maternidade e a associação que existia (e ainda existe) entre uma mulher ser boa mãe e, conseqüentemente, ser boa para casar, pois “afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança no peito” (QUEIROZ, 2015, p.161).

Como Conceição não pretendia se relacionar com algum homem que pudesse ajudá-la a gerar um filho que fosse sangue do seu sangue,

sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida... *Vae solis!* Bolas! Seria sempre estéril, inútil, só... seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequena alma... Mulher sem filhos, ela partido na cadeia da imortalidade..." (QUEIROZ, 2015, p.161)

Esse sentimento é distorcido quando a protagonista pede um dos filhos de Cordulina, mulher de Chico Bento, para criar. Tanto por querer ajudar a família de retirantes, quanto por motivação dela e dos pais em fazer do filho caçula, que era afilhado da moça e do primo Vicente, alguém. Essa intenção de “fazer dele gente” (QUEIROZ, 2015, p.161) revelará nela um instinto maternal, cuidadoso e carinhoso, para com a criança, vendo isso, a avó comentava sobre seu jeito para com o cuidado da criança

Mergulhou os olhos no livro; as letras negras clamavam: "E a eterna escrava vive insulada no seu próprio ambiente, sentindo sempre que carece de qualquer coisa superior e nova..."
 Conceição murmurou:
 O seu ambiente...
 Circunvagou os olhos pela sala, pelos quartos, a mesa cheia de livros, fixou-os em Duquinha que sentado no chão fazia a bruxa cavalgar a lata...
 - É preciso criar seu ambiente... e até, no meu, brinca uma criança... (QUEIROZ, 2015.p.138)

Ela romperá mais uma vez com padrões, na forma de constituir família adotando seu afilhado, e não se sente mais sozinha na vida, já que ele agora se torna sua companhia e faz parte do seu ambiente, trazendo doçura para a “amargura no coração da moça” (QUEIROZ, 2015, p.161), já que “ela lhe servira de mãe” (QUEIROZ, 2015, p.161), recordando de “seus cuidados infinitos, sua dedicação, seu carinho...” (QUEIROZ, 2015, p.162). Logo, murmura consolada: “- Afinal, também posso dizer que criei um filho” (QUEIROZ, 2015, p.162), isto deixa em evidência, mais uma vez, o destino de ser mãe da mulher, e lhe proporciona o sentimento de completude.

3 SOU DATILÓGRAFA E VIRGEM, E GOSTO DE COCA-COLA

*Sem rosa ou verde, sem destaque
 E minha condição mofina, jururu, panema
 Embora, embora
 Há uma certeza em mim, uma indecência:
 Que toda fêmea é bela
 Toda mulher tem sua hora
 Tem sua hora da estrela
 Sua hora da estrela de cinema
A Hora da Estrela de Cinema - Caetano Veloso*

Conhecida por ser dona de uma escrita intimista e psicológica, Clarice traz em seu último romance, *A Hora da Estrela*, publicado em 1977, ano de sua morte, um caráter filosófico, existencial e metalinguístico, pois a narrativa, entre outros aspectos, aborda a condição social de uma migrante nordestina no Rio de Janeiro e faz reflexões existencialistas sobre o ser humano, a condição e o papel do escritor moderno paralelo a história da própria escritura literária.

Segundo o crítico alemão Nitschack (2004), este é um romance que se refere à deprimente realidade atual de uma das metrópoles latino-americanas, no caso, Rio de Janeiro, tem como protagonista uma mulher de classe inferior, porém, “não é um romance realista, e sim sobre a possibilidade do escrever perante a realidade emudecedora que encontra na morte sua apoteose” (NITSCHACK, 2004, p.215). O desafio da linguagem literária será então fazer com que “o indizível possa se transformar em um texto que supere a banalidade do horror cotidiano, sem o banalizar” (NITSCHACK, 2004, p.215). O autor também nos sugere que alguns conceitos da literatura contemporânea estarão presentes na obra, como a dissolução do Eu e sua fragmentação.

Podemos caracterizar a obra como uma reflexão constante sobre a condição humana abordada através de três eixos narrativos simultâneos. O primeiro é o relato da história ora cômica, ora trágica, da jovem nordestina Macabéa; o segundo é a história do autor fictício Rodrigo S. M., um escritor homem de classe média, intelectual que sente na obrigação de escrever sobre a condição miserável dessa moça vista por ele de relance na rua, mesmo sem a conhecer; e o terceiro é história do próprio ato de escrever, caracterizando o livro como uma metaficção.

A respeito de como a trama surge, a própria Clarice afirma no programa *Panorama da TV Cultura*, em 1977, ano em que ela faleceu:

Eu acabei a novela [...] a história de uma moça tão pobre que só comia cachorro quente. Mas a história não é isso só não. É de uma inocência pisada, duma miséria anônima [...] (o cenário) é Rio de Janeiro, mas o personagem é nordestino, é de Alagoas [...] Eu morei no Nordeste, me criei no Nordeste e depois, no Rio de Janeiro tem um abrigo de nordestinos [...] e uma vez eu fui lá e peguei o ar do (o árduo) meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro, daí começou a nascer a ideia [...] depois eu fui a uma cartomante e imaginei, ela disse várias coisas que iam acontecer e imaginei, quando eu tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi passasse e me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas as coisas boas, então daí foi nascendo também a trama da história [...] treze nomes, treze títulos. (LISPECTOR, 1977)

Podemos perceber que os fatos narrados na novela estão intimamente ligados a experiência pessoal da autora, trazendo, assim como na primeira obra, um caráter autobiográfico a narrativa.

Todas essas circunstâncias são apresentadas através de uma espécie de anotações de diário do autor/personagem/narrador/escritor fictício Rodrigo S. M., que ao dialogar com o leitor, se apresenta como um dos personagens mais importantes e nos mostra todo o processo de criação do texto, da história, e das personagens, o que dá ao romance um caráter metanarrativo, pois o autor se responsabiliza por nos contar também a história da história. Logo no início ele informa que:

A história – determino com falso livre-arbítrio - vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo. S. M [...] O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há direito ao grito. Então eu grito (LISPECTOR, 1998. p.13)

Esse grito pode estar metaforizando a escrita, e/ou o poder de fala/voz que deve ser usada já que é um direito. Ainda sobre direito, neste caso, o direito de “ser eu”:

A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre o céu e o inferno. Nunca pensara que “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas

um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato. E quando entro em contato com forças interiores minhas, encontro através de mim o vosso Deus. Para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro. (LISPECTOR, 1998 p.37)

No trecho acima, percebemos uma junção de dois dos eixos, quando, ao descrever a protagonista e a (não) consciência de existencial, ele expõe autorreflexões filosóficas sobre a individualidade do ser, ressaltando a busca de si mesmo e de uma identidade de ambos.

Desde o início, o narrador vai mesclando os fatos entre os seus anseios e receios de escritor, e cria um certo suspense antes de iniciar logo a história, por isso o contar da história é repleto de digressões e “seu ritmo é as vezes descompassado” (LISPECTOR, 1998, p.16), a justificativa é que ele precisa “registrar os fatos antecedentes” (LISPECTOR, 1998, p.12), portanto a narrativa não obedece uma linearidade.

Sobre a personagem principal e a frieza com que muitas vezes ele a (re) trata, como ao afirmar que:

Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho direito de ser frio e não vós... a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um **outro** escreveria. (LISPECTOR, 1998, p.14, grifo nosso)

Ao afirmar que qualquer **outro** poderia escrever sobre isso, dede que fosse outro escritor “homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p.14), possivelmente, Clarice Lispector traz, nessa frase, uma crítica irônica à escrita feminina, já que a mulher é comumente associada ao sentimentalismo e isso poderia refletir na sua escrita.

Por conseguinte, sendo um narrador masculino, poderá usar sua agressividade quando achar conveniente, secar e endurecer a tendência melosa que o que será narrado tem, além de nos revelar que os fatos e as características das

personagens, principalmente da protagonista, são colocadas a partir de uma visão masculina, isto é, de outro considerado pela sociedade superior, em nível intelectual, financeiro e, por vezes, em gênero. Conheçamos então essa nordestina.

A moça tem dezenove anos e figura no principal eixo da narrativa no qual o autor irá contar suas “fracas aventuras [...] numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p.15). E pede aos leitores que cuidem dela “porque meu poder é só mostrá-la para que reconheçais na rua, andando de leve por causa da sua esvoaçada magreza” (LISPECTOR, 1998, p.19). Ele é, portanto, apenas uma representante de muitas outras iguais a ela que vivem espalhadas em cortiços e nem notam que “são facilmente substituíveis” (LISPECTOR, 1998, p.14), sem reclamar por não saber a quem fazer isso.

Ela surge para o autor numa cena de cotidiano, “[...] numa do rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (LISPECTOR, 1998, p.12). Uma cena de metrópole que, conforme Nitschack (2004, p.228) lembra **A une Passante** de Baudelaire, entretanto “em vez do breve encontro com a relampejante promessa de felicidade, aqui se encontra profunda perplexidade”.

Percebemos em algumas passagens como a jovem tornou-se alienada pela vida urbana, uma vez que tinha prazer em coisas que a tornavam uma evidente vítima do consumismo capitalista, por exemplo: “era muito impressionável” (LISPECTOR, 1998, p.34), sua bebida preferida era a “o refrigerante mais popular do mundo” (LISPECTOR, 1998, p.23), apesar dele ter “gosto do cheiro de esmalte de unha, de sabão e plástico mastigado” (LISPECTOR, 1998, p.23), mas não deixava de ser amado, pois “era um meio de atualizar-se na hora presente” (LISPECTOR, 1998, p.23); tinha como luxos “ir uma vez por mês ao cinema” (LISPECTOR, 1998, p.36), pintar as unhas da mão de vermelho escarlata, e adorava anúncios comerciais (de creme para pele, por exemplo), fazia coleções, álbuns.

Mesmo fazendo tudo isso, “quando acordava não sabia quem era, mas pensava logo com satisfação: sou virgem e datilógrafa, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser” (LISPECTOR, 1998, p.23). Era como se ela fizesse de tudo para ser aceita na sociedade, tinha um emprego que achava digno, (datilógrafa), tomava a

bebida sensação do momento, ia ao cinema, enfim, tentava se encaixar naquele lugar, mas “era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1998, p.29) naquela sociedade tecnicista, o que a tornava apenas mais uma peça comum e descartável.

Esse também é um pensamento de Xavier (2007, p.62), pois a autora afirma que “o fato dela adorar os anúncios, a ponto de colecioná-los, é bem significativo; a linguagem publicitária é altamente manipuladora, e Macabéa, como um corpo dócil, é mais uma vítima do apelo consumista.”.

Esta mesma autora, ao pesquisar sobre o corpo feminino em obras de autoria feminina, reúne artigos no livro **Que corpo é esse?** O corpo do imaginário feminino (2007), e em um deles de título O corpo disciplinado, surge a personagem analisada em questão, já que “a nordestina feia, pobre e despreparada para a vida na cidade grande é prato cheio... com seu corpo cariado, construção discursiva do narrador Rodrigo, alter ego da autora, que faz de seu texto um grito de denúncia.” (LISPECTOR, 1998, p.55-56)

Ela aponta também que Macabéa é vítima de um adestramento da tia que a forma para ser obediente sem questionar, pois o questionamento era passível de castigos, agressões, vemos isso no seguinte recorte:

por falar em galinha, a moça as vezes comia num botequim um ovo duro. Mas a tia lhe ensinara que comer ovo fazia mal para o fígado. Sendo assim, obedientemente adoecia, sentindo dores do lado esquerdo oposto ao fígado. Pois era muito impressionável e acreditava em tudo[...] (LISPECTOR, 1998 p.34)

Outro tipo de ensinamento que ela ouvia e reproduzia sem ao menos entender, era o da Rádio relógio que lhe dava “hora certa e cultura” (LISPECTOR, 1998, p.37) onde ela ouve informações aleatórias que ela nem ao menos compreende, mas sente necessidade de compartilhar com alguém.

Notamos, ao longo da leitura, trechos que representam uma dualidade nos fatos, ora cômicos, ora trágicos. Um exemplo marcante dessa comicidade é quando ela fala seu nome para o primeiro namorado da sua vida:

Ele se aproximou e, com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?
- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.
- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca, o quê?
- Béa, foi ela obrigada a completar (LISPECTOR, 1998 p.43)

Sobre esse namorado que surge na vida dela de maneira inesperada, curiosamente em “Maio, mês dos véus de noiva flutuando em branco” (LISPECTOR, 1998, p.42), e que ela logo se apaixona à primeira vista, uma vez que “bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo” (LISPECTOR, 1998, p.43), sobremesa preferida que a tia lhe proibira de comer quando criança.

Esse relacionamento revelará o quanto Macabéa era “doce e obediente” (LISPECTOR, 1998, p.26), e como o namoro com esse outro nordestino torna-se enfadonho, principalmente por ele não ter paciência para seus questionamentos quase infantis, e a tratar, na maioria dos encontros, de forma grosseira, chamando-a de “magricela esquisita” (LISPECTOR, 1998, p.52), que “tem cara de quem comeu e não gostou” (LISPECTOR, 1998, p.52), “idiota” (LISPECTOR, 1998, p.56) nada mais é que “um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” (LISPECTOR, 1998, p.60).

Esta última frase é dita quando Olímpico está terminando com ela, pois encontrou outra pessoa, no caso, Glória, a colega de trabalho dela, que ao contrário de Maca, tinha “mãe, pai e comida quente em hora certa” (LISPECTOR, 1998, p.59), “pelos quadris, adivinhara-se que seria boa parideira” (LISPECTOR, 1998, p.60), “branca” (LISPECTOR, 1998, p.59), “tinha classe” (LISPECTOR, 1998, p.59), “gorda” (LISPECTOR, 1998, p.61) e “era um estardalhaço de existir” (LISPECTOR, 1998, p.61), atributos que a tornava “material de primeira qualidade” (LISPECTOR, 1998, p. 60), mas não deixava de ser vista como objeto, neste caso, passível de suas realizações e desejos sexuais, ao contrário da protagonista que “tinha ovários murchos” (LISPECTOR, 1998, p.58), isso a impedia de procriar, mas não tirava a esperança dela em relação ao “dia em que ele quisesse ficar noivo e se casar” (LISPECTOR, 1998, p.59).

A esse respeito, “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não ser” (BEAUVOIR, 1967, p.165). Vemos aqui, uma tentativa de a sociedade influenciar a mulher ao fazer suas escolhas.

Macabéa tinha o sonho de ser “artista de cinema” (LISPECTOR, 1998, p.53), logo ela que tinha vergonha de se olhar no espelho e nunca se vira nua por ser feia ou por pudor, mas diz que ela “não tem cara nem corpo” (LISPECTOR, 1998, p.54) para isso, reforçando os padrões que eram exigidos para exercer tal função. As repostas dela são quase sempre se desculpando, pois “não queria lhe ofender” (LISPECTOR, 1998, p.49), “como você quiser” (LISPECTOR, 1998, p.49), entre outras.

Esse desejo de Macabéa revela um lado até então desconhecido dessa imagem de santa obediente, “moça direita” (LISPECTOR, 1998, p.50), “moça-donzela” (LISPECTOR, 1998, p.49) que ela aprendera com a tia a representar. Ao que parece, sua inspiração artística e desejo íntimo era parecer-se com Marilyn Monroe, famosa estrela de cinema de Hollywood, e um dos maiores símbolos sexuais do século XX. Apesar de ser descrita como opaca, magra, sem brilho e de aparência assexuada, mas ela tinha um sexo e ele “era a única marca veemente de sua existência” (LISPECTOR, 1998, p.70), ela “era sensual” (LISPECTOR, 1998, p.61), sentia calores pelo corpo, se excitava com a foto do namorado, comprou um batom vermelho, mesma cor que atriz costumava usar. Só que, além dessa relação com a sensualidade, Nitschack (2004, p. 214) diz que “Marilyn Monroe é a imagem da morte, pois sua afirmação sensual e erótica da vida encerra em si a morte, o suicídio.” Assim, a identificação com a artista mostra a busca por uma identidade idealizada de cinema.

A frase “na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema” (LISPECTOR, 1998, p.29), nos revela o final trágico e trivial da jovem, que após a desilusão amorosa com Olímpico, vai a uma cartomante e lá recebe as primeiras demonstrações de carinho de Carlota, que prevê coisas esperançosas para o seu futuro, inclusive um bom marido, rico, loiro de olhos azuis ou verdes, do tipo galã clássicos dos filmes que a moça provavelmente assistia, mas ao sair da casa, ela é

atropelada e em meio a um aglomerado de gente que surge a sua volta, ela tem a visibilidade dos outros, dá seus últimos suspiros e morre.

Macabéa vivencia, na sua morte, a sua hora da estrela [...] Depois que Carlota, a outrora prostituta e agora vidente, lhe prediz um futuro feliz e um casamento com um rico “Hans”, ela, depois de deixar a casa, é atropelada por uma Mercedes amarelo, lançada ao chão e ferida mortalmente. (NITSCHACK, 2004, p.229)

As últimas reflexões da obra são acerca de uma observação de Rodrigo sobre ser mulher, ressaltando a influência dos valores de uma determinada sociedade na imposição do gênero feminino associado à maternidade, fidelidade, submissão, sendo parte de seu destino aceitar tudo isso de bom grado, afirmando que agora, na hora da morte em que “passava de virgem a mulher” (LISPECTOR, 1998, p.84), envolta de sangue, espasmos e “uma úmida felicidade suprema” (LISPECTOR, 1998, p.84) e que sua vontade de viver aumentava, entendia que “Mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher” (LISPECTOR, 1998, p.84).

Logo, “Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino” (BEAUVOIR, 1970, p.97), retomando a visão de Simone de Beauvoir, podemos afirmar que quando a mulher é pensada a partir do outro, no caso esse outro representa o homem, ela está sujeita a se tornar inerte, submissa e sujeita ao poder masculino ditador das regras a serem seguidas sem refutamento por ela.

4 A RELAÇÃO SINÔNIMA QUE AS PERSONAGENS FAZEM DE LIBERDADE COM SOLIDÃO

*Livre, era o que ela mais queria ser
Livre, pra ir e vir e ser o que quiser
Quando quiser e se quiser
Mas só o tempo, só pra descobrir
Se a liberdade é só solidão
E só o tempo, só pra descobrir
O que é ser
Liberdade ou Solidão- Tiago Iorc*

Ao analisar as personagens e ler atentamente os enredos, conseguimos estabelecer semelhanças e diferenças nítidas entre elas, como, por exemplo, a coincidência de que, tanto Conceição quanto Macabéa, em algum momento, percebem-se sozinhas no mundo enquanto assumem e constroem suas identidades.

A primeira reflete sobre isso quando em uma conversa com o novo dentista da terra, ao afirmar que nasceu “para viver só” (QUEIROZ, 2015, p.160), é repreendida com a expressão antiga em latim “*Vae solis!*” (Ai dos sóis) associada no contexto de que toda mulher deve ter seus próprios filhos e maridos, no entanto, ela percebe que apesar de não ter nem um nem outro, ela tem seu afilhado Duquinha e sua boa e velha mãe Nácia, que se compromete a criar do pequeno enquanto ela continua sua vida livremente de professorado, leituras e benevolência com o próximo.

Já a segunda, está quase sempre sozinha mesmo rodeada dos outros, um dia mente para o chefe dizendo que ia ao dentista, e “quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa, a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só pra ela... dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e!” (LISPECTOR, 1998, p.41) tomou café e fazia tudo olhando seu reflexo no espelho, “para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que ela não conhecia. Nunca foi tão contente na vida, pensou.” (LISPECTOR, 1998, p.42).

Dentre as características semelhantes e divergentes que as personagens apresentam, destacamos como semelhantes o fato de serem órfãs; de origem nordestina; jovens; com formação de base católica; não apresentam “finais felizes” nos relacionamentos amorosos, uma porque é trocada por outra mais interessante aos olhos do ex-companheiro, outro por opção e orgulho ferido. As duas são virgens e possuem trabalhos que envolvem letras (datilógrafa, professora), apesar de uma ter só até o terceiro ano primário e outra ter sido normalista, isto é, ter frequentado a Escola Normal, uma espécie de formação para mulheres de classe média que tinham interesse em exercer o magistério, uma das únicas profissões que as mulheres puderam assumir por certo tempo. Ambas fogem dos comportamentos femininos de suas épocas; não geram seus próprios filhos; são associadas à santidade, uma por ajudar o próximo necessitado, outra por sua nulidade e passividade, todas as características associadas como ideias ao feminino.

Já como aspectos diferentes, temos: uma é alienada, outra constrói suas próprias ideias; uma não pode ser mãe, por questões biológicas e até por falta de força vital; a outra opta por ser mãe adotiva. Uma sonhava com o dia de noivar, casar, a outra diz ser solteirona convicta, não acreditar no amor e não tem interesse no casamento. Macabéa não tem carinho de ninguém, é invisível. Conceição é querida pela tia, primos, compadres, é notável. Macabéa é carriada, suja representando a classe social miserável, que teve pouca instrução (aprendera com a tia pouco sobre datilografia e só tinha até o terceiro ano primário) o que compromete seu futuro. Já Conceição é branca, limpa, de classe média, estudiosa, e junto com sua determinação em fazer do seu futuro e dos que a cerca algo mais harmonioso e justo, a torna esse perfil marcante e inspiradora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha dessa temática, desenvolvida sob o plano de fundo histórico apresentado inicialmente, até chegar no escopo central da pesquisa, que foi analisar essas duas representações femininas inseridas em obras quase autobiográficas de estreia (**O Quinze**) e de despedida (**A Horada Estrela**) das autoras na escrita literária, pretendeu ressaltar a importância de contemplar o passado e tê-lo como referência de resistência, mostrar desde algumas literatas pioneiras até as contemporâneas, que trazem contextos vividos no dia a dia das mulheres.

Percebemos que as personagens, apesar de serem ambas nordestinas órfãs e criadas por parentas beatas, se constroem de maneira dicotômica, isto é, enquanto uma é descrita como uma moça romântica (virgem, ingênua, passiva, alienada) a outra se mostra como uma mulher realista/moderna (ativa, dona de suas opiniões e ideais), no entanto, há algo que as une e este algo é uma busca identitária dessas personalidades que rompem com os padrões de suas épocas ao agir de forma diferente da que as sociedades contemporâneas das mesmas esperavam, isto é, transgredindo as regras comportamentais vigentes, uma vez que a contemporânea Macabéa é vista como a passiva, ao passo que a regionalista dos anos 30 é mostrada com a ativa, estando a frente de seu tempo, lutando por sua liberdade.

A busca constante por uma escrita feminina com identidade própria vem se firmando, mas é um processo lento, assim como todas as conquistas femininas na

história. Quando um professor ou leitor se propõe a buscar obras de autoria feminina no Brasil, hoje, vai se deparar com uma grande variedade de estilos, temas, modalidades, pois as escritoras produzem poemas, romances, contos. Buscar tais obras e apresentá-las a outros leitores é parte do processo de transformação que precisa ser feito a fim de, ao menos, diminuir o preconceito.

Por fim, esperamos ter deixado uma colaboração para a crítica literária sobre esse assunto, destacando-se a relevância do estudo de obras de autoria feminina, principalmente das que abordem, mesmo que involuntariamente, a questão da condição feminina na sociedade e na literatura.

WOMEN-OBJECT X WOMEN-SUBJECT: THE SEARCH FOR THE CONSTRUCTION OF AN IDENTITY IN A PERSPECTIVE OF THE CHARACTERS CONCEIÇÃO E MACABÉA

Abstract: This work makes a cut in the literature of female authorship, aiming to analyze two characters of two female writers. We have seen, on the one hand, the silence, the obedience and the ignorance of Macabéa in Clarice Lispector **A Hora da Estrela**, and on the other the activism and protagonism of Conceição in Rachel de Queiroz **O Quinze**. The research has a bibliographic character and a brief exposition of the path taken by women in literature and in the society, which made possible the making of a contextualization of the space in which the authors are inserted, followed by an analysis of the profile of the characters studied, with their physical characteristics, personalities, ambitions, ideologies, and life trajectories. As a theoretical support, we had: Beauvoir (1967), with her thoughts on what it is like to be a woman, Del Priore (2010) bringing a more historical context on women and books, Showalter (1986), criticism that proposes the division of the course of female writing in three phases, and Virginia Woolf (2014), with her discussion of woman and fiction. We perceive that the characters, although they are both orphaned in Brazil's Northeast Region and bred by churchwomen, are constructed in a dichotomous way, that is, while one is described as a romantic girl (virgin, naive, passive, alienated) the other shows herself as a realist/modern woman (active, owner of their opinions and ideals). However, there is something that unites them and this something is an identity search of those personalities that break with the patterns of their times by acting differently than their contemporary societies, since the contemporary Macabéa is seen as the passive, while the regionalist of the 1930s, Conceição, is shown with the active, being ahead of its time, fighting for its freedom.

Key - words: Literature. Female profiles. Identity. **O Quinze. A Hora da Estrela**

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: A experiência vivida. 2^a ed. São Paulo: Difusão Europeia de Livros, 1967.

_____. O segundo sexo: Fatos e mitos. 4ª Ed. São Paulo: Difusão Europeia de Livros, 1970.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Laços de família**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Lacos%20de%20Familia%20-%20Clarice%20Lispector.pdf>. Acesso: 18/08/2018

_____. **Clarice Lispector fala sobre "A Hora da Estrela"**. Entrevista dada ao Programa Panorama da TV Cultura, 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sVDNMMrk3lc&feature=youtu.be>. Acesso: 12/08/2018

MONTEIRO, Adolfo Casais. Comentário sobre a obra. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 68ª ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

NITSCHACK, Horst. A Hora da Estrela (Clarice Lispector) e Primera Muerte de María (Jorge Eduardo Eielson): Superação de uma estética da mimesis. (Traduzido do alemão por Hedda Malina). In: PONTIERI, Regina. **Leitores e leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Hedra, 2004.

PINON, Nélida. A brasileira Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro, 2015. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 100ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

PRADO, Adélia. Com licença poética. In: FILHO, José Humberto Torres. And SOUZA, Larissa Maria Silva. **Do modernismo aos dias atuais**. 1ª ed. revista e atualizada, 3 reimpressão (Coleção Pré-Universitário) – Fortaleza: Sistema Ari de Sá, 2015.p.88

PRIORE, Mary Del. As mulheres e os livros: vidas que se contam. In: FIÚZA, Regina Pamplona. **A Mulher na Literatura**: criadora e criatura/Academia Cearense de Letras. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. p.155

PRIORE, Mary Del. **Histórias e conversas de mulher**: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2014.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 100ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Ed. Mulheres: Belo Horizonte: PUC Minas, 2009. p.20

RUIZ, Alice. Pelos pelos. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Cantadas literárias, 24). Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/12068/drumundana>. Acesso: 18/08/2018

SHOWALTER, Elaine. In: EAGLETON, Mary ed. Feminist Literary Theory. New York: Basil Blackwell Ltd, 1986. Appud: XAVIER, Elódia. **Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://litcult.net/2012/11/06/narrativa-de-autoria-feminina-na-literatura-brasileira-as-marcas-da-trajetoria/> Acesso: 10/08/2018

TORRES, Antônio. Comentário sobre a obra. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 81ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso; 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014. p.43

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** o corpo imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. p.55

_____. **Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://litcult.net/2012/11/06/narrativa-de-autoria-feminina-na-literatura-brasileira-as-marcas-da-trajetoria/>. Acesso: 10/08/2018